

Dois bandidos armados apresentados à população

Foram sexta-feira última, apresentados à população da Matola-Rio, dois bandidos armados recentemente capturados pelas Forças Armadas de Moçambique, na Província do Maputo. Eles relataram as atrocidades que cometeram contra as populações indefesas e a destruição de infra-estruturas económicas do nosso Estado Popular. Apresentou os bandidos, o Alferes Lopes Alberto Quive, Chefe da Secção de Educação Política da Brigada de Boane, que se fazia acompanhar pela Secretária Provincial da Organização da Mulher Moçambicana, Amélia Niquice.

Falando na altura, o Alferes Quive, historiou a luta de libertação nacional até à conquista da Independência e o aparecimento dos bandidos armados, que neste momento constituem a quarta calamidade.

A nossa independência é o fruto dos duros sacrifícios do Povo moçambicano e muito em especial dos seus melhores filhos, que derramaram o seu sangue em defesa da nossa causa — disse aquele Alferes.

Há pessoas que ainda querem ver o nosso colonizador na nossa Pátria, e como não é possível, essas pessoas vão aos seus antigos patrões para serem equipados com a finalidade de recuperarem aquilo que durante os dez anos de batalha renhida não puderam manter, acrescentou aquele oficial do exército.

Ele explicou à população a essência e os objectivos dos bandidos armados, tendo dito que eles são da altura de Ian Smith, compartilhavam com o exército rodesiano no massacre do nosso Povo e na destruição dos bens do nosso Estado. Com a tomada do poder pelo povo irmão do Zimbábue, estes bandos, ainda perseguem as pegadas dos instrutores, mas já com o novo funcionador, a África do Sul.

Os bandidos armados matam, queimam os nossos autocarros, hospitais, escolas, aldeias, lojas, destroem pontes, fábricas, etc. Tudo isto, é para criarem maiores dificuldades ao nosso Povo. Ao realizarem estas acções, os bandidos armados querem que haja contradições entre o Povo e o Governo.

BANDIDOS PRONUNCIAM-SE

A população já estava ansiosa e queria ver os destruidores da nossa economia, quando os bandidos foram chamados para o local onde a população estava concentrada.

Começou por falar Júlio Jorge Macuácuá, natural de Chókwè, província de Gaza.

— Apareceram bandidos armados na minha casa numa noite e amarraram-me junto com o meu pai e levaram-nos para o mato. Lá mataram o meu pai, pois, era chefe das 10 famílias. Treinei em Magude, durante 45 dias, mas depois dos treinos militares, não me deram arma. Todavia, tinha a missão de fazer as latrinas

na base onde eu estava para os comandantes e as respectivas mulheres — disse aquele bandido.

Perguntado pela população se não havia morto ninguém ele respondeu: Não matei ninguém nem participei em nenhum combate, porque como acabei de dizer, tinha uma tarefa específica de construir latrinas.

Durante os 5 meses que estive nos bandidos porquê não fugias? — interrogou a população.

Não fugia porque diziam eles que a Frelimo havia de me matar.

Em seguida falou o segundo bandido que esteve nas fileiras dos BA's durante três anos. Este bandido tentou esconder a realidade daquilo que fora até à sua recente captura pelas FAM num combate em que esses traidores travaram com as nossas forças, recentemente.

— Chamo-me Julião João Changuane, natural de Magude, na localidade de Matongomane, na província do Maputo. Fui raptado pelos BA's,

na fronteira quando tentava ir à África do Sul, em 1981. Fui levado para base de Mbavala no interior da Suazilândia, treinei lá, depois entregaram-me uma arma. Nós matávamos as populações, queimávamos tudo o que aparecesse à nossa frente. Depois de Mbavala, carregámos material para Malawi, e depois de Malawi, voltámos para Mbavala.

Quantas pessoas mataste? perguntou a população ao bandido.

«Em Movene, na Moamba, queimámos um carro de mineros e levámos toda a mercadoria que vinha lá e o próprio motorista matámos, e em Mapulanguene, em Magude, matei três pessoas, dois homens e uma mulher».

Os continuadores perguntaram ao bandido, onde é que arranjavam panelas para a confecção das refeições, como eram feitas e quem era o chefe da base.

Roubávamos às populações e eram mal preparadas, só as para os chefes é que eram bem confeccionadas. O

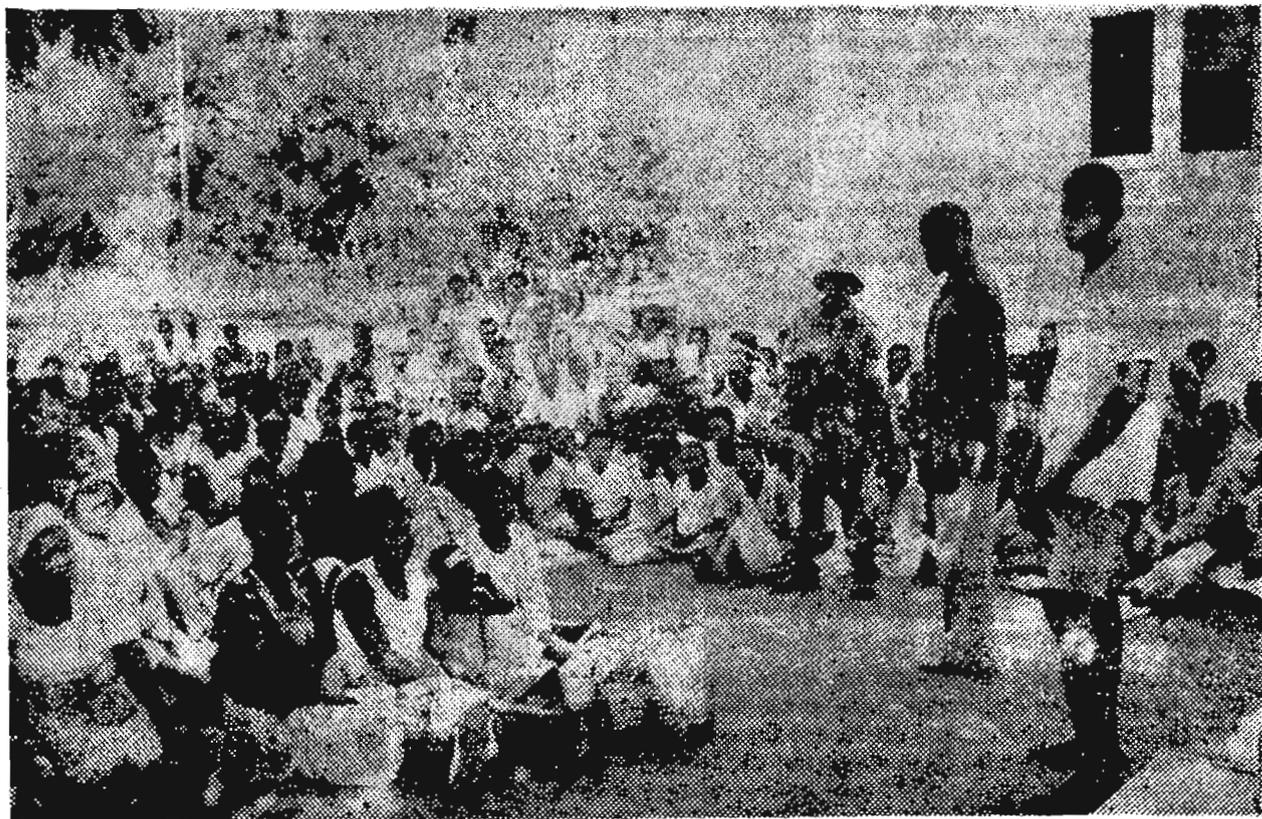
chefe chama-se Borra — respondeu de imediato o bandido.

Quase no fim, o Alferes Quive disse que estes criminosos, com assinatura do Acordo de Nkomati, viram a sua fonte de abastecimento logístico e material cortada. É por isso, que andam em pequenos grupos, matam e destroem tudo o que lhes aparecem à sua frente e tentam infiltrar-se no seio da população para se escaparem das acções combativas das nossas forças.

Devemos intensificar ainda mais a vigilância nos locais de trabalho e de residência, para neutralizar estes malfetores, exortou à população da Matola-Rio o Alferes Quive.

Entretanto, a OMM do distrito de Boane, entregou à Secretária da Organização da Mulher Moçambicana a nível da província do Maputo, 6000 metlicals, 56 lenços de bolso e 44 livros diversos em saudação ao 20.º aniversário do desencadeamento da Luta Armada de Libertação Nacional.

De saletar que este trabalho está enquadrado no programa da Brigada da OMM Provincial, que há dias visitou aquele distrito, no âmbito da Educação Patriótica em apelo ao 25 de Setembro.



Aspecto da apresentação de bandidos armados à população da Matola-Rio, na passada sexta-feira